Bancos não aceitam capitalização

RÉGIS NESTROVSKI
Especial para O GLOBO

NOVA YORK — Os banqueiros internacionais afirmaram ao Presidente do Banco Central, Antônio Carlos Lemgruber, que não concordam com a capitalização dos juros da dívida externa brasileira (sua incorporação ao montante dos débitos, para pagamento futuro) e não vêem com bons olhos a concessão de novos empréstimos bancários ao País nos próximos meses. A informação foi dada por um banqueiro que participou das reuniões entre os credores e representantes do Governo.

— Foram longas demais as reuniões. Muitos banqueiros estavam apreensivos com as notícias sobre a necessidade de dinheiro novo. Mas, por enquanto, apenas prorrogamos por mais 90 dias o acordo da Fase 2, incluindo adiamento das amortizações e a manutenção das linhas de crédito comercial e interbancário — continuou a fonte.

As duas linhas totalizam US\$ 16 bilhões. Os créditos comerciais envolvem financiamento de importações e exportações brasileiras. Quanto aos problemas enfrentados por agências de bancos brasileiros no exterior (no caso o Comind e o Auxiliar), o banqueiro acha que algumas instituições estrangeiras poderão deixar de fornecer crédito interbancário a esses bancos, mas ressaltou

que a decisão caberá livremente a cada uma.

— É possível até que nova prorrogação seja concedida ao fim dos 90 dias. Mas queremos que o Brasil acerte uma Carta de Intenções com o FMI. O problema é que cada prorrogação envolve mais de 500 bancos e muitos deles ainda não aprovaram nem a primeira extensão do prazo. É algo demorado, feito por telex. Passa pelos advogados, é trabalhoso. Mas confiamos na administração brasileira para um acordo com o FMI e os bancos — acrescentou o banqueiro.

Analistas americanos acreditam que, no fim do ano, com recuperação das economias do Brasil e dos Estados Unidos, será mais fácil para os brasileiros captarem novos recursos, que atualmente estão difíceis, porque muitos bancos já ultrapassaram o limite de investimento permitido pela lei bancária americana.

Politicamente, os banqueiros ficaram confusos também com a idéia da capitalização dos juros e acham que o País precisa acertar mês a mês suas metas internas de inflação e déficit público. Os credores admitiram, entretanto, que estão dispostos a conceder novos recursos ao Brasil, caso haja algum imprevisto externo — como uma alta inesperada dos juros:

— O Brasil é nosso melhor cliente na praça e merece ser bem tratado — concluiu o banqueiro.

nem novos créditos